

Saga
Acampamento
Shadow Falls


C. C. Hunter




Nascida
à
Meia-Noite

OS SOBRENATURAIS


JANGADA



*K*ylie Galen está na pior. Seus pais vão se divorciar, seu namorado acaba de romper com ela e uma noite, depois de ser presa por estar na festa errada, com as pessoas erradas e na hora errada, é enviada pela mãe para Shadow Falls – um acampamento para adolescentes problemáticos, localizado numa cidade chamada Fallen, no meio de uma misteriosa floresta. Isso muda sua vida para sempre. Poucas horas depois de chegar, ela descobre, assustada, que seus colegas não são apenas “problemáticos”. Kylie nunca se sentiu normal, mas também não se considera como uma daquelas aberrações paranormais. Ou será que ela é? Em Shadow Falls, vampiros, lobisomens, metamorfos, bruxas e fadas aprendem juntos a desenvolver seus poderes, controlar sua magia e viver no mundo normal. No entanto, as coisas tomam um rumo diferente quando dois carinhas interessantes entram em cena. Derek, um fae que possui poderes mágicos, quer a todo custo ser seu namorado e Lucas, um lobisomem com quem ela partilha um passado secreto. De início, tudo o que Kylie deseja é sair de Shadow Falls e voltar para casa. Porém, com Derek e Lucas ocupando um lugar cativo em seu coração e depois de descobrir que ela própria tem estranhos poderes, talvez sua vida nunca mais volte a ser a mesma...





Um

— Isso não tem graça! — resmungou o pai.

Não, graça nenhuma — pensou Kylie Galen abrindo a geladeira para pegar uma bebida. Na verdade, tão pouca graça que ela gostaria de poder se esgueirar para dentro da geladeira, se encolher entre a mostarda e cachorros-quentes bolorentos e fechar a porta para não ouvir mais as vozes irritadas que vinham da sala.

Lá estavam seus pais brigando de novo!

Não que aquilo fosse durar muito — pensou ela enquanto observava o vapor escapando pela porta da geladeira. Hoje ela sabia que o pai iria embora!

Kylie sentiu um nó na garganta. Engoliu a emoção em seco e se recusou a chorar. Aquele devia ser o pior dia da sua vida. E ela já vinha tendo alguns muito ruins ultimamente. Um cara desconhecido na sua cola, Trey terminando o namoro com ela e os pais anunciando o divórcio — caramba, era desgraça que não acabava mais! Seria então de admirar que seus terrores noturnos tivessem voltado com tudo?


— O que você fez com a minha cueca? — o grito do pai penetrou na cozinha, meteu-se pela fresta da porta da geladeira e ficou pairando em volta dos cachorros-quentes.

A cueca dele?

Kylie pressionou uma latinha gelada de refrigerante contra a testa.

— O que eu iria fazer com a sua cueca? — perguntou a mãe com aquela voz de “não estou nem aí”. Era bem sua mãe, ela nunca estava nem aí. Fria como gelo.





Kylie olhou pela janela da cozinha o quintal, onde há pouco tinha visto a mãe. E ali, da grelha da churrasqueira ainda fumegante, pendia a cueca do pai.

Que beleza!

A mãe tinha feito churrasco da cueca do pai. Só isso. Kylie nunca mais comeria nada do que fosse assado naquela grelha. Tentando conter as lágrimas, ela devolveu a latinha ao refrigerador e foi até a porta da sala. Talvez, se a vissem, parassem de agir como crianças e deixassem que ela fosse a adolescente ali. O pai estava no meio da sala, segurando na mão uma cueca. A mãe, no sofá, bebericava com a maior calma um chazinho quente.

— Você precisa de tratamento psicológico! — gritou ele para a mulher.

Dois pontos para o pai — pensou Kylie.

A mãe realmente precisava de ajuda. Mas então por que era Kylie que tinha de ficar estendida no divã da analista, duas vezes por semana? Por que o pai — o homem de quem, todos juravam, ela conseguia tudo — é que precisava ir embora, abandonando-a?


Kylie não o censurava por querer deixar sua mãe, a Rainha do Gelo. Mas por que não levava Kylie com ele? Outro soluço sufocado na garganta.

O pai virou-se e a viu; em seguida, entrou no quarto, obviamente para guardar o resto de suas coisas — menos a cueca, que naquele momento fazia sinais de fumaça na churrasqueira do quintal.

Kylie ficou parada olhando a mãe, que remexia em pastas de trabalho como se aquele fosse um dia igual a qualquer outro. As fotos emolduradas de Kylie e o pai, na parede acima do sofá, chamaram sua atenção e encheram seus olhos de lágrimas. Tinham sido tiradas durante as excursões anuais que os dois faziam juntos.

— Você tem que fazer alguma coisa! — implorou.

— Fazer o quê? — perguntou a mãe.





— Convencê-lo a ficar. Peça desculpas por ter assado a cueca dele...

Que lamenta ter água gelada nas veias — pensou.

— Faça qualquer coisa, mas não deixe que ele vá embora.

— Você não compreende — e com isso a mãe, sem um mínimo de emoção, voltou aos seus papéis.

Nesse momento o pai, de mala em punho, atravessou a sala. Kylie correu atrás dele até a porta que se abria para a tarde sufocante de Houston.

— Me leve com você — pediu, sem esconder as lágrimas. As lágrimas talvez ajudassem. Antes, quando chorava, conseguia o que queria dele. — Eu não como muito — fungou, tentando fazer graça.

Ele balançou a cabeça, mas ao contrário da mãe, pelo menos tinha alguma emoção nos olhos:

— Você não compreende.

Você não compreende.

— Por que vocês estão sempre dizendo isso? Já tenho 16 anos. Se não compreendo, então me expliquem, ou me contem o grande segredo e pronto.


Ele olhou para os pés como se aquilo fosse um teste e as respostas estivessem na ponta dos sapatos. Depois, suspirando, ergueu os olhos:


— Sua mãe... Precisa de você.

— Precisa de mim? Está brincando? Ela nem me quer aqui!

Nem você me quer.

Essa constatação fez com que o ar se imobilizasse em seus pulmões. Ele na verdade não a amava. Enxugou uma lágrima na bochecha e olhou de novo para ele. Só que agora, em vez do pai, Kylie via o soldado Dude, que vivia atrás dela. Ali na rua, trajava o mesmo uniforme militar de antes. Parecia ter acabado de sair de um





daqueles filmes sobre a Guerra do Golfo de que sua mãe tanto gostava. Só que, em vez de disparar para todos os lados ou voar pelos ares, ele permanecia imóvel, olhando para ela com um ar triste, mas muito assustado.

Ela o surpreendeu espreitando-a a algumas semanas. Nunca falaram um com o outro. Mas, no dia em que ela o apontou para a mãe e a mãe não o viu... Bem, o mundo de Kylie saiu dos eixos. A mãe chegou à conclusão de que ela tentava chamar a atenção ou coisa pior. E quando dizia “coisa pior” ela se referia ao risco de Kylie estar perdendo contato com a realidade. Sem dúvida, os terrores noturnos que a atormentavam quando era criança tinham voltado mais assustadores ainda. A mãe disse que um analista poderia ajudá-la a superá-los — mas como, se Kylie nem sequer se lembrava deles? Só sabia que eram ruins. Ruins o bastante para fazê-la acordar gritando.

Kylie queria gritar agora. Para que o pai se voltasse e visse o soldado Dude¹ — provando assim que ela não estava maluca. Talvez, se ele realmente visse o homem que a perseguia, ela não precisasse mais ir à analista. Aquilo não era justo.


A vida, porém, não é justa, conforme sempre lembrava sua mãe. Mas, quando Kylie olhou de novo, ele já tinha ido embora. Não o soldado Dude, mas seu pai. Ela caminhou até a porta da garagem e o viu colocando a mala no banco de trás do Mustang vermelho conversível. Ao contrário do pai, a mãe nunca gostou daquele carro.

Kylie correu até ele.

— Vou pedir pra vovó falar com a mamãe. Ela vai conseguir...

Mal essas palavras escaparam dos lábios de Kylie ela se lembrou do outro grande acontecimento trágico de sua vida. Não podia mais pedir que a avó resolvesse seus problemas. A avó estava morta. A imagem dela deitada, fria, no caixão dominou a mente de Kylie e outro soluço brotou em sua garganta. O olhar do pai demonstrava

¹ Dude (gíria), termo genérico usado informalmente com referência a uma pessoa qualquer; cara, sujeito.





agora preocupação. O mesmo olhar que levara Kylie para o consultório da terapeuta três semanas antes.

— Estou bem. Só esqueci — porque a lembrança machucava muito. Sentiu uma lágrima solitária escorrendo pelo rosto.

O pai se aproximou e a abraçou. Esse abraço durou mais do que qualquer outro, mas terminou cedo demais. Como ela podia deixá-lo ir? E ele, como poderia abandoná-la?


Os braços do pai se soltaram e ele a afastou.

— E só me telefonar, meu bem.

Contendo as lágrimas, odiando a própria fraqueza, Kylie acompanhou o conversível vermelho do pai ficando cada vez menor à medida que descia a rua. Precisando muito ficar sozinha em seu quarto, correu para dentro de casa. Mas então, lembrando-se, olhou para o outro lado da rua. Será que o soldado Dude já tinha desaparecido num passe de mágica, como costumava fazer?

Não. Continuava lá, observando, espionando. Deixando-a morta de medo e, ao mesmo tempo, muito irritada. Era por causa dele que Kylie tinha que ir à analista. Então a Sra. Baker, sua vizinha idosa, saiu para apanhar a correspondência. Sorriu para Kylie, mas nem sequer uma vez a velha bibliotecária reparou no soldado Dude bem ali, de pé em seu jardim, a menos de um metro de distância. Muito estranho. Tão estranho que um calafrio desceu por sua espinha, o mesmo calafrio que sentiu durante o funeral da avó.

O que estaria acontecendo?





Dois

Uma hora depois, Kylie desceu as escadas com a mochila nas costas e a bolsa no ombro. A mãe a deteve na porta.

— Você está bem?

Como eu poderia estar bem?

— Vou sair — foi a única resposta de Kylie. Mais do que tinha conseguido dizer sobre a avó. Na ocasião, ela tinha notado o batom vermelho-brilhante que a funerária tinha aplicado no cadáver da avó.

Por que não tira essa droga da minha boca? — Kylie quase a ouviu resmungar.

Assustada com esse pensamento, virou-se e olhou para a mãe. A mãe viu a mochila de Kylie e uma ruga de preocupação apareceu entre seus olhos.


— Para onde está indo? — quis saber.


— Você disse que eu poderia passar a noite na casa da Sara. Ou estava ocupada demais queimando a cueca do papai para se lembrar disso?

A mãe ignorou a alusão ao churrasco de cueca.

— E o que as duas vão fazer à noite?

— Mark Jameson vai dar uma festa para comemorar o fim das aulas — não que Kylie tivesse a mínima intenção de se divertir. Graças ao fim do namoro com





Trey e ao divórcio dos pais, seu verão tinha ido parar no vaso sanitário. E, do jeito que as coisas estavam indo, sem dúvida alguém passaria por lá e daria a descarga.

— Os pais dele vão estar em casa? — a mãe arqueou uma sobrancelha.

Kylie agitou-se por dentro, mas não deixou transparecer.

— Não é lá que sempre estão?

Tudo bem, uma mentira. Quase nunca ia às festas de Mark Jameson justamente por aquele motivo — e era nisso que dava ser tão comportada. Agora precisava esfriar um pouco a cabeça. Além do mais, a mãe também não tinha mentido quando o pai perguntou pela cueca?

— E se você tiver outro daqueles sonhos? — perguntou a mãe, tocando seu braço.


Um toquezinho de leve. Era tudo o que ganhava da mãe nos últimos tempos. Nada de abraços demorados, como os do pai. Nada de passeios juntas. Apenas indiferença e toques rápidos. Mesmo quando a avó materna morreu, sua mãe não a abraçou — e Kylie, na ocasião, precisava muito de um abraço. Ao contrário, foi o pai que a abraçou e acabou ficando com uma mancha de maquiagem no paletó. Agora, papai e todos os seus paletós tinham ido embora.


Respirando fundo, Kylie fincou as unhas na bolsa.

— Avisei a Sara que talvez eu acorde gritando, com sede de sangue. Ela me garantiu que vai cravar um crucifixo de madeira no meu coração e me arrastar de volta para a cama.

— Acho melhor, então, você esconder as estacas antes de dormir — a mãe tentava esboçar um sorriso.

— Farei isso — por um instante, lamentou deixar a mãe sozinha justamente no dia em que o pai foi embora. Bobagem. Ela ficaria bem. Nada abalava a Rainha do Gelo.





Antes de sair, Kylie olhou pela janela para se certificar de que não seria perseguida pelo cara de farda. Achando que o terreno estava livre, cruzou a porta, esperando que a festa da noite a ajudasse a esquecer de tudo de ruim que estava acontecendo em sua vida.

— Tome. Não precisa beber, é só segurar — Sara Jetton colocou uma garrafa de cerveja na mão de Kylie e se afastou.

Dividindo o espaço com pelo menos trinta pessoas que se acotovelavam, todas falando ao mesmo tempo, na pequena sala de Mark Jameson, Kylie segurou firme a garrafa gelada. Conhecia da escola muitas daquelas pessoas. A campainha soou de novo. Sem dúvida, aquela era a festa mais quente da noite. E todos os outros alunos do colégio pensavam o mesmo. Jameson, o veterano cujos pais pareciam não se importar com nada que ele fizesse, dava algumas das melhores festas da cidade.

Dez minutos depois, ainda sem sinal de Sara, todo mundo começou a dançar. Pena que Kylie não estivesse animada. Olhou com desagrado para a garrafa que tinha nas mãos. Alguém esbarrou nela, fazendo com que a cerveja espirrasse em seu peito e descesse pelo decote em V da blusa branca.

— Merda!

— Ai, foi mal! — apressou-se a dizer o desastrado, constrangido.

Kylie encarou os olhos castanhos e calmos de John e tentou sorrir. Pensar que estava sendo educada com um cara legal, que andava perguntando por ela na escola, tornava mais fácil o sorriso. Mas o fato de John ser amigo de Trey diminuía muito seu entusiasmo.

— Não foi nada — disse ela.

— Vou buscar outra pra você — parecendo nervoso, ele se afastou.

— Não precisa! — gritou Kylie; mas, em meio à música e ao alvoroço, ele não ouviu.



Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

